

THE HITCHHIKER'S GUIDE TO THE GALAXY

DOUGLAS ADAMS



**À
BOLEIA PELA
GALÁXIA**

Tradução de Andréia Vinça

Perdido nos confins não cartografados da extremidade pouco colunável do braço ocidental da galáxia, situa-se um pequeno e discreto sol amarelo.

Na sua órbita, a uma distância de cerca de cento e trinta milhões de quilômetros, encontra-se um insignificante planeta azul esverdeado, cujas formas de vida, descendentes dos macacos, são tão assombrosamente primitivas que ainda acham que os relógios digitais são uma rica ideia.

Este planeta tem (ou melhor, tinha) um problema que era o seguinte: a maioria das pessoas que nele vivia andava infeliz a maior parte do tempo. Muitas soluções foram sugeridas mas a maior parte estava relacionada com o movimento de pequenos pedaços de papel verde, o que é estranho porque, na verdade, não eram os pequenos pedaços de papel verde que andavam infelizes.

Portanto, o problema permaneceu. Muitas pessoas eram más e a maioria era infeliz mesmo que tivessem relógios digitais.

Havia cada vez mais gente a achar que descer das árvores tinha sido um grande erro. Alguns diziam que até as árvores tinham sido uma má escolha e que nunca deviam ter deixado os oceanos.

Então, numa quinta-feira, quase dois mil anos depois de um homem ter sido pregado a uma árvore por dizer como seria bom ser simpático para as pessoas para variar, uma rapariga sentada sozinha num pequeno café em Rickmansworth apercebeu-se, subitamente, do que tinha estado mal todos estes anos e descobriu como o mundo se poderia

tornar um lugar bonito e feliz. Agora é que era. Ia resultar e ninguém tinha de ser pregado a coisa nenhuma.

Infelizmente, antes que pudesse chegar a um telefone para contar a alguém, deu-se uma terrível e estúpida catástrofe e a ideia perdeu-se para sempre.

Esta não é a história da rapariga. Mas é a história dessa terrível e estúpida catástrofe e de algumas das suas consequências.

É também a história de um livro. Um livro chamado “O Guia da Galáxia Para Quem Anda à Boleia.” Um livro que não é da Terra, nunca foi publicado na Terra e, até ocorrer a catástrofe, nunca nenhum terrestre o tinha visto ou ouvido falar dele.

Mesmo assim, um livro notável.

De facto, foi provavelmente o livro mais notável alguma vez publicado pelas grandes editoras da Ursa Menor (das quais os terrestres também nunca tinham ouvido falar).

Não só era um livro notável, como também um livro muito bem sucedido. Mais popular do que “O Compêndio Celestial da Vida Saudável,” mais vendido do que “Mais Cinquenta e Três Coisas para Fazer em Gravidade Zero” e mais controverso do que a trilogia de best-sellers filosóficos de Oolon Colluphid (“Onde Deus Errou,” “Mais Alguns dos Maiores Erros de Deus,” e “Quem é Este Tal Deus, Afinal?”).

Em muitas das civilizações mais descontraídas da orla oriental da galáxia, o “Guia da Galáxia” já ultrapassou a grande Enciclopédia Galáctica como livro de referência, detentor de toda a sabedoria e conhecimento. Embora tenha muitas omissões e contenha muita coisa apócrifa ou, no mínimo, amplamente incorrecta, bate aos pontos a enciclopédia, obra mais antiga e banal, em dois aspectos importantes.

Primeiro, porque é ligeiramente mais barato. Segundo, porque tem as palavras “NÃO ENTRE EM PÂNICO” inscritas com letras grandes e amigáveis na capa.

Mas a história desta quinta-feira terrivelmente estúpida, a história das suas extraordinárias consequências e a história de como estas consequências estão inseparavelmente ligadas a este livro notável começa de uma forma muito simples.

Começa com uma casa.



A casa ficava numa pequena elevação na extremidade de uma vila. Estava isolada e tinha uma ampla vista sobre as quintas do oeste. Não era de modo algum uma casa admirável. Tinha cerca de trinta anos, atarracada, quadrada, feita de tijolos e com quatro janelas na fachada de um tamanho e proporção tais que o seu único mérito era conseguirem ser esteticamente desagradáveis.

A única pessoa para quem a casa era de alguma forma especial era Arthur Dent e isso era só porque, por acaso, era a casa onde vivia. Vivia lá há cerca de três anos, desde que tinha deixado Londres porque a cidade o deixava nervoso e irritável. Tinha cerca de trinta anos, tal como a casa, alto, cabelo escuro e nunca muito à vontade consigo próprio. A coisa que mais o preocupava era o facto de as pessoas lhe perguntarem sempre porque estava com um ar tão preocupado. Trabalhava numa rádio local e costumava dizer aos amigos que era muito mais interessante do que eles pensavam. E era (a maior parte dos seus amigos trabalhava em publicidade).

Na quarta-feira à noite, tinha chovido muito, a estrada estava molhada e lamacenta, mas na quinta-feira de manhã o Sol brilhava sobre a casa pelo que viria a ser a última vez. Arthur só não se tinha apercebido de que a Câmara lhe queria deitar a casa abaixo para construir uma via rápida.

Às oito da manhã de quinta-feira, Arthur não se sentia muito bem. Acordou atordoado, levantou-se, cam-

baleou pelo quarto, abriu a janela, viu uma escavadora, encontrou os chinelos e precipitou-se para a casa de banho para se lavar.

Pasta de dentes na escova – escovar.

Espelho de barbear – a apontar para o tecto. Ajustou-o. Por um momento, reflectiu uma segunda escavadora através da janela da casa de banho. Depois de ajustado, reflectia a barba por fazer de Arthur Dent. Barbeou-se, lavou-se, secou-se, e dirigiu-se para a cozinha para procurar alguma coisa agradável para pôr na boca.

Chaleira, tomada de electricidade, frigorífico, leite, café. Bocejo.

A palavra “escavadora” vagueava pelo seu pensamento em busca de algo com que se relacionar.

A escavadora que via da janela da cozinha era bastante grande.

Fixou o olhar nela.

“Amarelo,” pensou e dirigiu-se para o quarto para se vestir. Passando pela casa de banho, parou para beber um copo de água. É mais outro. Começou a suspeitar de que estaria ressecado. Porque estaria ressecado? Teria estado a beber na noite anterior? Concluiu que era provável. Reparou num brilho no espelho de barbear. “Amarelo,” pensou, e dirigiu-se para o quarto.

Parou e pensou. O bar, pensou. Ó meu Deus, o bar. Lembrava-se vagamente de estar zangado, zangado com alguma coisa que parecia importante. Tinha andado a falar disso às pessoas, a falar disso às pessoas por muito tempo, suspeitou. A recordação mais nítida que tinha era os olhares vidrados dos outros. Alguma coisa sobre uma nova via rápida que tinha acabado de descobrir. Estava em projecto há meses mas, aparentemente, ninguém tinha sido avisado. Ridículo. Bebeu um gole de água. Haveria de se resolver, concluiu. Ninguém queria uma via rápida. A Câmara não tinha fundamentação possível. Haveria de se resolver.

Mas que terrível ressaca isso lhe tinha valido. Olhou-se no espelho do guarda-fatos. Deitou a língua de fora. “Amarelo,” pensou. A palavra “amarelo” vagueava pelo seu pensamento em busca de algo com que se relacionar.

Quinze segundos mais tarde, estava na rua, deitado em frente da escavadora amarela que avançava sobre o seu jardim.

O Sr. L. Prosser era, como se costuma dizer, apenas humano. Por outras palavras, era uma forma de vida carbónica, bípede e descendente dos macacos. Mais especificamente, tinha quarenta anos, era gordo e desleixado e trabalhava para a Câmara. Curiosamente, ainda que não o soubesse, era também um descendente em linha directa de Genghis Khan, apesar de as misturas raciais nas gerações intermédias lhe terem manipulado de tal forma os genes que não tinha qualquer traço mongol e o único vestígio no Sr. L. Prosser da sua grandiosa ascendência era uma barriga de cerveja e a predilecção por pequenos chapéus felpudos.

Não era, de modo algum, um grande guerreiro mas sim um homem nervoso e preocupado. Hoje estava particularmente nervoso e preocupado porque algo tinha corrido extraordinariamente mal no seu trabalho (que era certificar-se que a casa de Arthur Dent seria demolida até ao final do dia).

— Saia daí, Sr. Dent — disse ele. — Sabe bem que não pode ganhar. Não pode ficar deitado em frente da escavadora para sempre — tentou lançar um olhar fulminante mas os olhos não lhe obedeceram.

Arthur estava deitado na lama e fitou-o.

— Eu arrisco — disse. — Vamos ver quem enferruja primeiro.

— Vai ter de aceitar — disse o Sr. Prosser, agarrando o seu chapéu felpudo e rodando-o em redor da cabeça. — Esta via rápida tem de ser construída e vai ser construída!

— É a primeira vez que ouço isso — disse Arthur. — Tem de ser construída porquê?

O Sr. Prosser agitou o dedo enquanto apontava para ele por um momento. Depois parou e voltou a baixá-lo.

— Que quer dizer com isso? Por que é que tem de ser construída? — disse. — É uma via rápida. Temos de construir vias rápidas.

As vias rápidas permitem às pessoas deslocarem-se

do ponto A para o ponto B muito rapidamente, enquanto outras pessoas se deslocam do ponto B para o ponto A muito rapidamente. As pessoas que vivem no ponto C, sendo este um ponto intermédio, são muitas vezes levadas a pensar no que haverá de tão interessante no ponto A que leva tantas pessoas do ponto B a estarem ansiosas por chegar lá e no que haverá de tão interessante no ponto B que leva tantas pessoas do ponto A a estarem ansiosas por chegar lá. Muitas vezes, gostariam que esta gente decidisse, de uma vez por todas, o raio do lugar em que querem estar.

O Sr. Prosser queria estar no ponto D. O ponto D não era nenhum lugar em particular. Era apenas um lugar convenientemente afastado dos pontos A, B e C. Ele teria a sua pequena casa de campo no ponto D, com machados por cima da porta de entrada, e passaria muito tempo no ponto E, sendo este o bar mais próximo do ponto D. A sua mulher, obviamente, queria rosas trepadeiras mas ele queria machados. Não sabia porquê. Apenas que queria machados. Reparou nos olhares de desprezo dos condutores das escavadoras e corou.

Mudava o peso de perna para perna mas era igualmente desconfortável em cada um deles. Obviamente, alguém tinha sido extremamente incompetente e pedia a Deus para que não tivesse sido ele.

O Sr. Prosser disse: — Podia ter reclamado na altura própria.

— Altura própria? — guinchou Arthur. — Altura própria? Só soube disto quando me apareceu aqui um tipo ontem. Perguntei-lhe se tinha vindo limpar as janelas e ele respondeu que não, que tinha vindo para demolir a casa. Não me disse isso imediatamente, claro. Primeiro limpou umas quantas janelas e cobrou-me uma nota de cinco. Depois é que me disse.

— Mas, Sr. Dent, o projecto tem estado disponível para consulta no gabinete de planeamento local nos últimos nove meses.

— Claro. Logo que soube, fui lá para o ver, ontem à tarde. Não é que vocês se tenham preocupado em chamar a atenção das pessoas para o projecto, pois não? Podiam ter dito a alguém ou coisa do género.

— Mas estava disponível para consulta...
— Disponível para consulta? Tive de ir à cave para o encontrar.

— É aí que fica o departamento de consulta.

— Tive de levar uma lanterna.

— Se calhar, tinha faltado a luz.

— Também faltavam as escadas.

— Mas encontrou o projecto, não encontrou?

— Sim — disse Arthur. — Encontrei. Estava em exposição no fundo de um armário fechado à chave que, por sua vez, estava enfiado numa casa de banho abandonada que tinha um aviso na porta a dizer: “Cuidado com o leopardo”.

Uma nuvem passou por cima das suas cabeças. Lançou uma sombra sobre Arthur Dent enquanto este se erguia e apoiava o cotovelo na lama fria. Lançou uma sombra sobre a casa de Arthur Dent. O Sr. Prosser olhou a casa, franzindo as sobrancelhas.

— Não é que seja uma casa particularmente agradável — disse.

— Peço desculpa mas acontece que eu gosto dela.

— Também vai gostar da via rápida.

— Esteja calado — disse Arthur Dent. — Esteja calado e vá-se embora. E leve o raio da via rápida consigo. Você sabe muito bem que isto não tem fundamentação possível.

A boca do Sr. Prosser abriu e fechou várias vezes enquanto a sua mente se perdeu em visões inexplicáveis, mas terrivelmente atractivas, da casa de Arthur Dent a ser consumida pelo fogo e do próprio Arthur, fugindo a gritar das ruínas em chamas com pelo menos três setas cravadas nas costas. O Sr. Prosser era frequentemente incomodado por visões como esta e isso deixava-o nervoso. Gaguejou por momentos e depois recompôs-se.

— Sr. Dent — disse ele.

— Sim? — disse Arthur.

— Permita-me que partilhe consigo algumas informações factuais. Tem alguma ideia dos estragos que esta escavadora sofreria se eu a deixasse passar-lhe por cima?

— Não. Que estragos seriam esses? — disse Arthur

— Rigorosamente nenhuns — disse o Sr. Prosser e estremeceu nervosamente por se perguntar porque estava o seu cérebro repleto de milhares de homens cabeludos a cavalo, todos a gritar com ele.

Por uma curiosa coincidência, “rigorosamente nenhuns” era exactamente o número de indícios que o descendente de macacos Arthur Dent tinha de que um dos seus amigos mais chegados não era também ele descendente de macacos mas sim originário de um pequeno planeta algures na vizinhança de Betelgeuse (e não de Guildford como ele dizia).

Arthur Dent nunca tinha suspeitado disto.

Este seu amigo tinha chegado ao planeta Terra há cerca de quinze anos terrestres e tinha trabalhado arduamente para se integrar na sociedade local com, há que dizê-lo, algum sucesso. Passou esses quinze anos fingindo ser um actor desempregado, o que era mais do que credível.

No entanto, tinha cometido um deslize porque se descuidou um pouco na sua pesquisa preparatória. A informação que reuniu levou-o a escolher o nome “Ford Prefect” como sendo um nome perfeitamente discreto.

Não era extraordinariamente alto, as suas feições eram marcantes mas não extraordinariamente atraentes. Tinha o cabelo fino e arruivado e penteava-o para trás desde as têmeoras. A pele parecia puxada para trás desde o nariz. Havia algo de muito ligeiramente errado em relação a ele mas era difícil dizer o quê. Talvez fosse porque os olhos não pareciam pestanejar as vezes suficientes e, quando se falava com ele, os nossos olhos começavam involuntariamente a lacrimejar por simpatia. Talvez fosse porque o seu sorriso era grande demais e dava às pessoas a impressão desencorajadora de que estava prestes a atirar-se ao pescoço delas.

Para a maior parte dos amigos que tinha feito na Terra, era excêntrico mas inofensivo. Um bêbado inveterado com alguns hábitos esquisitos. Por exemplo, aparecia frequentemente em festas universitárias, embebedava-se completamente e começava a fazer troça de qualquer astrofísico que encontrasse até ser expulso.

Por vezes era apanhado distraído a olhar o céu, como que hipnotizado, até alguém lhe perguntar o que estava a fazer. Ficava embaraçado por um momento. Depois descontraía-se e fazia um sorriso forçado.

— Ó, estou só à procura de discos voadores — dizia em tom de piada e toda a gente ria e perguntava que tipo de discos voadores procurava.

— Dos verdes! — respondia ele com um sorriso perverso. Depois ria descontroladamente e, subitamente, lançava-se para o bar mais próximo onde pagava uma enorme rodada.

Noites como esta costumavam acabar mal. Ford perdia a cabeça com o whisky e enrolava-se a um canto com uma rapariga a explicar-lhe em frases amargas que, na verdade, a cor dos discos voadores não era assim tão importante.

Daí para a frente, cambaleando de forma semi-paralítica pelas ruas abaixo, perguntava frequentemente aos polícias que circulavam se sabiam o caminho para Betelgeuse. Os polícias respondiam algo como: — Não acha que já é altura de ir para casa, amigo?

— Estou a tentar, pá. Estou a tentar — era o que invariavelmente respondia Ford nestas ocasiões.

Na verdade, o que ele procurava realmente quando olhava os céus era um disco voador qualquer. A razão porque tinha dito verdes era porque essa era a cor dos batedores comerciais de Betelgeuse.

Ford Prefect estava desesperado para que um disco voador de qualquer espécie chegasse brevemente porque quinze anos era tempo demais para se ficar enalhado em qualquer sítio. Principalmente num sítio tão intelectualmente decadente e aborrecido como a Terra.

Ford desejava que um disco voador chegasse brevemente porque sabia como fazer-lhes sinal e conseguir que lhe dessem boleia. Sabia como ver as maravilhas do universo por menos de trinta dólares alterianos por dia.

A verdade é que Ford Perfect era um pesquisador de campo para esse livro notável que é “O Guia da Galáxia Para Quem Anda À Boleia.”

Os seres humanos adaptam-se muito facilmente e, à hora de almoço, nas redondezas da casa de Arthur, tinha-se criado uma rotina. O papel de Arthur era ficar deitado a chapinhar na lama, fazendo ocasionalmente exigências para que lhe trouxessem o advogado, a mãe ou um bom livro. O papel do Sr. Prosser era boicotar os esforços de Arthur, recorrendo ocasionalmente a argumentos como a conversa “para o bem comum,” a conversa “marcha do progresso,” a conversa “uma vez também me deitaram a casa a baixo, sabia? E nem sequer pensei duas vezes!” e várias outras formas de persuasão e ameaças. E o papel dos condutores das escavadoras era ficarem sentados a beber café e a conversar sobre as normas do sindicato, pensando numa maneira de tirar algum proveito financeiro da situação.

A Terra mexeu-se suavemente no seu percurso diurno.

O Sol começava a secar a lama onde Arthur estava deitado.

Uma sombra mexeu-se sobre ele novamente.

— Olá Arthur — disse a sombra.

Arthur olhou para cima e surpreendeu-se ao ver contra o sol a imagem de Ford Prefect.

— Ford! Olá. Como estás?

— Bem — disse Ford. — Ouve, estás ocupado?

— Se estou ocupado? — exclamou Arthur. — Só me tenho de deitar à frente destas escavadoras porque eles me deitam a casa a baixo se não o fizer. Mas, tirando isso, até nem estou ocupado. Porquê?

Não existia sarcasmo em Betelgeuse e, por isso, muitas vezes, Ford Prefect não o conseguia detectar a menos que estivesse concentrado. — Ótimo, há algum lugar onde possamos conversar? — disse.

— O quê? — disse Arthur Dent.

Por uns segundos, Ford pareceu ignorá-lo e olhou fixamente os céus como um coelho encandeado por um carro. Depois, subitamente, baixou-se junto a Arthur.

— Temos que falar com urgência — disse.

— Está bem — disse Arthur. — Fala.

— E beber — disse Ford. — É vital que possamos

falar e beber. Agora. Vamos para o bar da vila.

Olhou de novo os céus, nervoso, expectante.

— Não estás a perceber! — gritou Arthur. Apontou para Prosser. — Aquele homem quer deitar a minha casa abaixo!

Ford olhou para ele, confuso.

— Mas pode fazê-lo na mesma se não estiveres aqui, não pode? — perguntou.

— Mas eu não quero que ele o faça!

— Ah.

— Ouve lá, o que se passa contigo, Ford? — disse Arthur.

— Nada. Não se passa nada. Ouve-me com atenção. Tenho que te dizer a coisa mais importante que já ouviste na tua vida. Tenho que ta dizer agora e tem de ser no bar Horse and Groom¹.

— Mas porquê?

— Porque vais precisar de uma bebida muito forte.

Ford olhou para Arthur e Arthur ficou admirado ao ver a sua vontade começar a enfraquecer. Não se apercebeu de que isto acontecia por causa de um velho jogo de copos que Ford tinha aprendido nos portos hiperespaciais que serviam as minas de mandranite no sistema solar de Orion Beta.

O jogo não era muito diferente do jogo terrestre chamado “Luta-livre Índia²” e jogava-se da seguinte forma:

Os dois jogadores sentavam-se a uma mesa com um copo diante de cada um.

Entre eles era colocada uma garrafa de Licor Janx (imortalizado na antiga canção mineira de Orion: “Oh não me dês mais desse Licor Janx / Não, não me dês mais Licor Janx / Porque a minha cabeça irá voar, a minha língua irá mentir, os meus olhos irão fritar e eu poderei morrer / Serve-me mais um copo desse perverso Licor Janx).

Cada um dos dois jogadores concentrava a sua vontade na garrafa na tentativa de a virar e encher o copo do adversário com licor que este era obrigado a beber.

¹ N. do T.: Cavalos e Moços de Estrebaria

² N. do T.: Jogo em que dois participantes entrelaçam braços e pernas e tentam atirar o adversário ao chão.

Voltava-se a encher a garrafa e o jogo era repetido uma vez e outra. Quando um dos jogadores começasse a perder, provavelmente continuaria a perder porque um dos efeitos do Licor Janx é diminuir as capacidades telepáticas.

Assim que uma quantidade predeterminada tivesse sido consumida, o derrotado via-se forçado a desistir, geralmente, de forma obscenamente biológica.

Ford Perfect jogava normalmente para perder.

Ford olhou para Arthur, que começava a pensar que, afinal, talvez quisesse ir ao “Horse and Groom.”

— Mas e a minha casa...? — perguntou em jeito de queixume.

Ford olhou para o Sr. Prosser e, subitamente, um pensamento perverso surgiu-lhe na cabeça.

— Ele quer deitar a tua casa abaixo?

— Sim... para construir uma...

— E não pode porque estás deitado em frente da escavadora?

— Sim e...

— Acho que podemos chegar a um acordo — disse Ford. — Desculpe! — gritou.

O Sr. Prosser (que estava a discutir com um portavoz dos condutores das escavadoras se Arthur Dent tinha ou não um distúrbio mental e quanto dinheiro deveriam receber se tivesse) olhou em redor. Estava surpreendido e ligeiramente alarmado ao ver que Arthur Dent tinha companhia.

— Sim. Diga! — respondeu. — O Sr. Dent já ganhou juízo?

— Podemos partir do princípio que não? — respondeu Ford.

— Então? — suspirou o Sr. Prosser.

— E podemos partir do princípio que ele vai estar aqui o dia todo? — disse Ford.

— E então?

— Então, os seus homens vão estar aqui o dia todo sem fazer nada?

— É possível, é possível...

— Bom, se está conformado com isso, não precisa

que ele esteja mesmo ali deitado o tempo todo, pois não?

— O quê?

— Não precisa — disse Ford pacientemente — que ele esteja ali deitado.

O Sr. Prosser pensou na ideia.

— Bem... não... Posto dessa forma não... — disse ele. — Não é exactamente “precisar”... — o Sr. Prosser estava preocupado. Achou que um dos dois não estava a fazer muito sentido.

Ford disse: — Então, se quiser partir do princípio que ele continua aqui, eu e ele podíamos dar um salto ao bar por uma meia hora. Que me diz?

O Sr. Prosser achou que soava perfeitamente razoável.

— Acho perfeitamente razoável — disse num tom de voz tranquilizante, perguntando-se quem estava a tentar tranquilizar.

— E se você quiser dar lá um saltinho mais tarde — disse Ford — nós podemos retribuir o favor.

— Muito obrigado — disse o Sr. Prosser que já não sabia como reagir — Muito obrigado. Sim... Muito simpático da vossa parte... — Fez um ar severo, depois sorriu, depois tentou fazer as duas coisas ao mesmo tempo, não conseguiu, lançou a mão ao seu chapéu de pele e rodou-o em volta da cabeça. Só podia presumir que tinha sido vencido.

— Então — continuou Ford Prefect — se fizer o favor de vir até aqui e deitar-se...

— O quê? — perguntou o Sr. Prosser.

— Ah, desculpe — disse Ford — talvez não me tenha explicado bem. Alguém tem que se deitar em frente das escavadoras, não é? Ou então não haverá nada que as impeça de deitar abaixo a casa do Sr. Dent.

— O quê? — perguntou novamente o Sr. Prosser.

— É muito simples — disse Ford — O meu cliente, o Sr. Dent, diz que só deixará de estar deitado na lama com a condição de que o senhor o vá substituir.

— O que é que estás a dizer? — disse Arthur. Mas Ford deu-lhe um toque com o sapato para que estivesse calado.

— Você quer que eu — disse Prosser, repetindo esta ideia nova para si próprio — me deite ali...

— Sim.

— Em frente da escavadora?

— Sim.

— Em vez do Sr. Dent.

— Sim.

— Na lama.

— Tal e qual. Na lama.

Assim que o Sr. Prosser se apercebeu de que era na realidade o derrotado, sentiu que lhe tinham tirado um peso dos ombros. Isto era mais parecido com o mundo a que estava habituado. Suspirou.

— Em compensação você vai levar o Sr. Dent consigo para o bar?

— É isso — disse Ford — é exactamente isso.

Nervoso, o Sr. Prosser deu uns passos em frente e parou.

— Promete? — perguntou ele.

— Prometo — respondeu Ford. E virou-se para Arthur.

— Vamos — disse-lhe — levanta-te e deixa o homem deitar-se.

Arthur pôs-se de pé, sentindo-se como se estivesse num sonho.

Ford acenou para Prosser que, triste e patético, se sentou na lama. Sentiu que toda a sua vida era um sonho e pensou de quem seria esse sonho e se essa pessoa se estaria a divertir. A lama envolveu-lhe o rabo e os braços e escorreu-lhe para dentro dos sapatos.

Ford olhou para ele severamente.

— E nada de deitar abaixo a casa do Sr. Dent enquanto ele não está, ouviu? — disse Ford.

— Nem me passou — resmungou o Sr. Prosser — uma coisa dessas — deitando as costas na lama — pela cabeça.

Viu o representante do sindicato dos condutores de escavadoras aproximar-se, deixou a cabeça pousar sobre a lama e fechou os olhos. Estava a tentar ordenar os seus argumentos para provar que ele próprio não constituía

uma desastrosa ameaça à saúde mental. Estava longe de ter uma certeza em relação a isto. A sua mente parecia estar cheia de barulho, cavalos, fumo e do fedor a sangue. Isto acontecia sempre que se sentia infeliz ou enxovalhado. Nunca o tinha conseguido explicar a si próprio. Numa dimensão superior, da qual não temos conhecimento, o poderoso Khan rugia de raiva mas o Sr. Prosser apenas tremeu ligeiramente e lamentou-se. Começou a sentir pequenas gotículas de água por baixo das pálpebras. Enganos burocráticos, homens furiosos deitados na lama, estranhos indecifráveis oferecendo humilhações inexplicáveis e um exército não identificado de cavaleiros rindo dele dentro da sua cabeça. Que dia aquele.

Que dia aquele. Ford Prefect sabia que não interessava nada se a casa de Arthur Dent era derrubada ou não.

Arthur continuava muito preocupado.

— Mas podemos confiar nele? — perguntou.

— Eu confiava nele até ao fim do mundo — disse

Ford.

— Ah sim? — disse Arthur — E quanto tempo falta para isso?

— Cerca de doze minutos — disse Ford. — Anda. Preciso de uma bebida.

Acerca do álcool, a “Enciclopédia Galáctica” diz que é um líquido incolor e volátil formado pela fermentação de açúcares e realça o seu efeito intoxicante nas formas de vida carbónicas.

“O Guia da Galáxia Para Quem Anda À Boleia” também menciona o álcool. Diz que a melhor bebida que existe é o rebenta goelas pan-galáctico.

Diz que o efeito de beber um rebenta goelas pan-galáctico é igual a esmagarem-nos os miolos com uma rodela de limão enrolada em volta de um enorme lingote de ouro.

O Guia também nos diz em que planetas são preparados os melhores rebenta goelas pan-galácticos, quais os preços e que organizações de voluntariado existem para nos reabilitar mais tarde.

O Guia até nos diz como podemos preparar um.

Tirar o conteúdo de uma garrafa de Licor Janx Velho, diz o Guia.

Deitá-lo numa medida de água dos mares de Santraginus V — Ó mares de Santraginus — diz o Guia. — Ó peixe santragineano!!!

Deixar que três cubos de Mega-gin arturiano derretam nessa mistura (deve ser previamente congelado ou a benzina perde-se).

Deixar borbulhar quatro litros de gás pantanoso falliano em memória de todos os viajantes à boleia que morreram de prazer nos pântanos de Fallia.

Nas costas de uma colher de prata, deitar uma medida de extracto de hipermenta qualactina perfumado com todos os odores da escuridão das regiões qualactinas, subtis e místicas.

Misturar um dente de tigre solar algoliano. Vê-lo dissolver-se, espalhando as chamas dos sóis algolianos para as profundezas do interior da bebida.

Um salpico de Zânfora.

Adicionar uma azeitona.

Beber... mas... muito cuidadosamente...

“O Guia da Galáxia Para Quem Anda À Boleia” vende bastante mais do que a “Enciclopédia Galáctica”.

— Seis canecas de cerveja, por favor — pediu Ford Prefect ao barman do “Horse and Groom”. — E depressa que o mundo está prestes a acabar.

O Barman do “Horse and Groom” não merecia este tipo de tratamento. Era um velho digno. Ajeitou os óculos no nariz e pestanejou, olhando para Ford Prefect. Ford ignorou-o e olhou para fora da janela. Então, o velho olhou para Arthur que encolheu os ombros de maneira impotente e não disse nada.

Então o Barman decidiu falar. — Ah sim? Está um rico dia para isso — e começou a servi-los.

Decidiu tentar novamente.

— Vão ver o jogo hoje à tarde?

Ford voltou-se e olhou para ele.

— Não vale a pena — respondeu e olhou de novo para a janela.

— Isso não é uma opinião precipitada? Acha que o Arsenal não tem hipótese?

— Não, não é isso — respondeu Ford. — É que o mundo vai acabar.

— Ah sim... Já tinha dito há bocado — comentou o barman, olhando por cima dos óculos desta vez para Arthur. — Era uma sorte para o Arsenal se acabasse.

Ford olhou para ele, genuinamente surpreso.

— Não, nem por isso — disse franzindo o sobrolho.

O barman respirou pesadamente.

— Aqui tem. Seis canecas.

Arthur partilhou com ele um sorriso triste e encolheu os ombros outra vez. Depois virou-se e sorriu tristemente para o resto do bar para o caso de alguém ter escutado a conversa.

Ninguém tinha ouvido e ninguém conseguiu perceber porque motivo estava a sorrir para eles.

Um homem sentado ao lado de Ford no balcão olhou para os dois homens, olhou para as seis canecas,

fez imediatamente um cálculo aritmético, chegou a uma conclusão que lhe agradou e esboçou um estúpido sorriso de esperança.

— Sai — disse Ford — são nossas — lançando-lhe um olhar que faria com que um tigre solar algoliano se pusesse a mexer.

Ford bateu com uma nota de cinco libras no balcão.

— Fique com o troco — disse.

— De quê? De uma nota de cinco? Obrigado.

— Tem dez minutos para o gastar.

O barman decidiu retirar-se por uns momentos.

— Ford — disse Arthur — eras capaz de me dizer que raio se passa?

— Bebe — disse Ford — Tens aí três canecas para te entreter.

— Três canecas? — disse Arthur — À hora de almoço?

O homem ao lado de Ford sorriu e acenou afirmativamente. Ford ignorou o homem e respondeu:

— O tempo é uma ilusão. A hora de almoço é uma dupla ilusão.

— Pensamento profundo — disse Arthur — devias enviar isso para as Selecções do Reader's Digest. Eles têm uma página para pessoas como tu.

— Bebe.

— Porquê três canecas assim de repente?

— Relaxante muscular. Vais precisar.

— Relaxante muscular?

— Relaxante muscular.

Arthur olhou para a sua bebida.

— Eu fiz alguma coisa mal hoje? — perguntou — Ou será que o mundo sempre foi assim e eu tenho estado ocupado demais com os meus problemas para reparar?

— Está bem — disse Ford — Vou tentar explicar. Há quanto tempo nos conhecemos?

— Há quanto tempo? — Arthur pensou. — Hmm, cerca de cinco anos, talvez seis. Na altura, a maior parte das coisas fazia sentido.

— Muito bem — respondeu Ford — como reagirias se te dissesse que afinal não sou de Guildford mas de um

pequeno planeta algures nos arredores de Betelgeuse?

Arthur encolheu os ombros de forma indiferente.

— Não sei — disse, bebendo um gole de cerveja.

— Porquê? Achas que é provável que digas esse tipo de coisas?

Ford desistiu. Não valia a pena incomodar-se numa altura em que o mundo estava a dar as últimas. Limitou-se a dizer:

— Bebe.

E acrescentou num tom perfeitamente objectivo:

— O mundo está prestes a acabar.

Arthur lançou outra vez um sorriso desfalecido para o resto do bar. O resto do bar retribuiu com um olhar carrancudo. Um homem acenou com a mão para que parasse de sorrir para eles e se metesse na sua vida.

— Hoje deve ser quinta-feira — disse Arthur para si próprio, bebendo a cerveja — Nunca consegui perceber as quintas-feiras.



Nesta quinta-feira em particular, alguma coisa se mexia suavemente através da ionosfera, muitos quilómetros acima da superfície do planeta. Várias “algumas coisas,” na verdade, algumas dúzias de coisas que pareciam pranchas amarelas grandes como arranha-céus, silenciosas como pássaros. Voavam com agilidade, aquecendo com os raios electromagnéticos do Sol, fazendo um compasso de espera, agrupando-se, preparando-se.

O planeta por baixo quase desconhecia a sua presença e isso correspondia ao pretendido. As coisas amarelas gigantes passaram despercebidas em Goonhilly³, sobrevoaram o Cabo Canaveral⁴ sem serem notadas, Woomers e Jodrell Bank⁵ olharam para elas sem as ver (o que era uma pena porque era exactamente o tipo de coisa que procuravam há anos).

O único registo da sua presença foi num pequeno dispositivo preto chamado Sensomático Subetéreo que piscou silenciosamente para si próprio. Estava escondido na escuridão dentro da mochila de cabedal que Ford usava normalmente a tiracolo. O conteúdo da mochila de Ford Prefect era bastante interessante e teria feito saltar a cabeça a qualquer terrestre interessado por física. Era por esse motivo que ele mantinha os objectos sempre escondidos, tapando-os com um par de rascunhos de guiões de peças para as quais queria fazer audições. Para além do Sensomático Subetéreo e dos guiões, tinha um Polegar Electrónico (um pequeno bastão liso, preto e vermelho com botões e interruptores numa extremidade). Também tinha algo que se parecia com uma calculadora avantajada.

³N.do T.: Goonhilly é a maior estação de satélites de comunicações da Terra, localizada na Cornualha, Inglaterra.

⁴N.do T.: Centro de lançamento das missões espaciais americanas.

⁵N.do T.: Observatórios espaciais situados, respectivamente, na Austrália e no Reino Unido.

Este objecto tinha à volta de cem botões e um ecrã de cerca de dez centímetros quadrados no qual se podia visionar num instante qualquer uma de milhões de páginas que continha. Parecia loucamente complicado e esta era uma das razões pelas quais a capa plástica em que se inseria tinha gravadas em letras grandes e amigáveis as palavras: “NÃO ENTRE EM PÂNICO”. A outra razão era que este dispositivo era na realidade o livro mais notável de todos os livros alguma vez publicados pelas grandes editoras da Ursa Menor: “O Guia da Galáxia Para Quem Anda À Boleia.” A edição em formato de microcomponente electrónico submétrico explica-se porque, se fosse impresso como livro normal, um viajante interestelar precisaria de vários edifícios inconvenientemente grandes para o transportar consigo.

Por baixo disto, na mochila de Ford Prefect, estavam algumas esferográficas, um bloco de notas e uma toalha de banho da Marks & Spencer.

O Guia da Galáxia Para Quem Anda À Boleia tem algumas coisas a dizer no que respeita a toalhas de banho.

Uma toalha, diz o guia, é praticamente a coisa mais útil que quem viaja à boleia pode ter. Em parte, porque tem um grande valor prático. Podemos enrolar-nos nela se tivermos frio enquanto atravessamos as luas frias de Jaglan Beta. Podemos deitar-nos nela nas brilhantes areias das praias de Santraginus V, inalando os impetuosos vapores marítimos. Podemos dormir debaixo dela sob as estrelas que brilham avermelhadas no planeta deserto de Kakrafoon. Usá-la para velejar numa pequena jangada, descendo o sossegado rio Moth, molhá-la para o uso no combate corpo a corpo, enrolá-la em volta da cabeça para nos proteger de fumos nocivos ou evitar o olhar da besta-voraz-irritante-come-o-raio de Traal (um animal tão impressionantemente estúpido que assume que se nós não o podemos ver, ele também não nos pode ver a nós; estúpido como uma porta mas voraz, muito voraz), podemos acenar com a toalha numa emergência como sinal de aflição e, claro, secar-nos com ela se ainda parecer limpa o suficiente.

Mais importante ainda, uma toalha tem um imenso valor psicológico. Por alguma razão, se um strag (strag:

alguém que não anda à boleia) descobre que um viajante à boleia tem a sua toalha consigo, presume automaticamente que também terá consigo a escova de dentes, toalha de rosto, sabonete, lata de biscoitos, cantil, bússola, mapa, novelo de fio, repelente de insectos, roupa de chuva, fato espacial etc, etc. Além disso, o strag irá emprestar sempre de bom grado ao viajante à boleia qualquer um destes objectos ou outros que o viajante possa ter “perdido acidentalmente”. O que o strag irá pensar é que um homem que anda à boleia de uma ponta à outra da galáxia, comendo o pão que o Diabo amassou, conseguindo ultrapassar todos os obstáculos e sabendo sempre onde está a sua toalha, é claramente um homem que merece respeito.

Isto explica uma expressão que passou a fazer parte do calão dos que viajam à boleia. Exemplo: “Sass aquele hoopy do Ford Prefect? Aí está um frood que sabe sempre onde está a sua toalha.” (Sass: Saber, estar consciente de, conhecer, ter sexo com; Hoopy: gajo muito porreiro; Frood: gajo estupidamente porreiro)

Aninhado sossegadamente em cima da toalha de Ford Prefect na sua mochila, o Sensomático Subetéreo começou a piscar mais depressa. Quilómetros acima da superfície do planeta, as gigantescas coisas amarelas começaram a espalhar-se em leque. Em Jodrell Bank, alguém decidiu que era altura de beber uma saborosa e relaxante chávena de chá.

— Tens uma toalha contigo? — perguntou Ford subitamente.

Arthur, entretido com a terceira caneca, olhou em volta.

— Porquê? Não... Devia ter? — Tinha desistido de ficar surpreso. Parecia já não fazer sentido.

Ford estalou a língua irritado.

— Bebe — disse impetuosamente.

Nesse momento, o barulho de alguma coisa a desmoronar-se lá fora atravessou o burburinho do bar, sobrepondo-se ao som da jukebox, ao som do soluço do homem ao lado de Ford, provocado pelo whisky que Ford

tinha acabado por lhe pagar..

Arthur engasgou-se com a cerveja e pôs-se em pé de um salto.

— Que foi isto? — ganiu.

— Não te preocupes — disse Ford — eles ainda não começaram.

— Graças a Deus — disse Arthur, acalmando-se — Deve ser só a tua casa a ser deitada abaixo — disse Ford, virando a última caneca.

— O QUÊ? — gritou Arthur. Subitamente, o feitiço de Ford tinha-se quebrado. Olhando em redor, Arthur correu para a janela.

— Meu Deus, pois estão! Estão a deitar a minha casa abaixo. Que raio faço eu aqui no bar, Ford?

— Nesta altura, não faz diferença nenhuma — disse Ford. — Deixa-os divertir-se.

— Divertir-se? — ganiu Arthur. — Divertir-se? — tirou rapidamente os olhos da janela e percebeu que falavam da mesma coisa.

— Eu dou-lhes a diversão! — gritou correndo lá para fora, agitando furiosamente a caneca de cerveja quase vazia. Não fez nenhum amigo novo no bar naquela visita.

— Parem, seus vândalos! Seus demolidores de casas! — berrou Arthur. — Seus visigodos enlouquecidos! Parem!

Ford teria que ir atrás dele. Virando-se rapidamente para o barman, pediu quatro pacotes de amendoins.

— Faça favor. — disse o barman batendo com eles no balcão. — Vinte e oito pence, se fizer a gentileza.

Ford era muito gentil. Deu ao barman mais uma nota de cinco libras e disse-lhe para ficar com o troco. O homem olhou para a nota e depois olhou para Ford. Tremeu subitamente. Sentiu qualquer coisa que não conseguia explicar porque ninguém no planeta o podia perceber. Em momentos de grande stress, todas as formas de vida emitem um pequeno sinal subliminar. Esse sinal simplesmente comunica uma exacta e quase patética sensação de qual a distância a que estamos do lugar onde nascemos. Na Terra, essa distância nunca é maior do que vinte e cinco mil quilómetros, o que, na verdade, não é muito longe e,

portanto, esses sinais são demasiado insignificantes para nos darmos conta da sua existência. Neste momento, os níveis de stress de Ford Prefect estavam elevadíssimos e tratava-se de alguém que tinha nascido a seiscentos anos-luz nos arredores de Betelgeuse.

O barman teve uma tontura, atingido por uma chocante e incompreensível noção de distância. Não sabia o que queria dizer mas olhou para Ford Prefect com um renovado respeito, quase medo.

– Estava a falar a sério? – perguntou num sussurro que teve o efeito de silenciar o bar. – Acha mesmo que o mundo vai acabar?

– Acho – disse Ford.

– Mas esta tarde?

Ford recompôs-se. Há muito que não se sentia tão impertinente.

– Sim – disse alegremente – em menos de dois minutos. Mais coisa, menos coisa.

O barman não acreditava na conversa que estava a ter mas também não acreditava na sensação que tinha tido há pouco.

– Então não há nada que possamos fazer em relação a isso? – perguntou.

– Não, nada – respondeu Ford, enchendo os bolsos com os amendoins.

No sossego do bar, alguém riu roucamente do quão estúpido o mundo se tinha tornado.

O homem sentado ao lado de Ford estava já um pouco ébrio. Os seus olhos subiram até ele.

– Acho – disse ele – que, se o mundo vai acabar, é suposto deitarmo-nos ou enfiarmos a cabeça dentro de um saco de papel ou coisa do género.

— Se quiseres, força — disse Ford.

— Foi isso que nos disseram na tropa — disse o homem e os seus olhos começaram a viajar em direcção ao whisky.

— Será que ajuda? — perguntou o barman.

— Não — disse Ford. Lançando um sorriso amigável. — Desculpem, tenho de ir. — E saiu, acenando.

O bar ficou em silêncio por mais um momento e

depois, de maneira embaraçosa, o homem da risada rouca voltou a rir-se. A rapariga que tinha arrastado para o bar com ele tinha-se aborrecido ao longo da última hora e foi provavelmente uma grande satisfação para ela saber que dentro de um minuto e meio se iria evaporar numa nuvem de hidrogénio, ozono e monóxido de carbono. No entanto, quando o momento chegasse, ela estaria demasiado ocupada a evaporar-se para se aperceber.

O barman aclarou a garganta. Ouviu-se a si próprio dizer:

— Última rodada, por favor.

As gigantescas máquinas amarelas começaram a descer e a mover-se mais rapidamente.

Ford sabia que elas estavam lá. Não era isto que tinha desejado.

Correndo pela rua acima, Arthur quase tinha chegado a casa. Não se tinha apercebido do frio e do vento que subitamente se faziam sentir e não se apercebeu da súbita e irracional tempestade de chuva. Não se apercebeu de nada a não ser das escavadoras movendo-se por cima do cascalho que tinha sido a sua casa.

— Seus bárbaros! — guinchou. — Vou processar a Câmara até ao último tostão que tiverem! Vou mandar enforcá-los, afogá-los e esquartejá-los! E chicotear! E cozer... até... até... até não aguentarem mais.

Ford corria atrás dele muito depressa. Muito, muito depressa.

— E depois vou repetir! — guinchou Arthur. — E quando acabar vou pegar nos bocados que sobrarem e saltar em cima deles!

Arthur não se apercebeu de que os homens estavam a fugir das escavadoras. Não se apercebeu de que o Sr. Prosser estava a olhar para o céu em pânico. O que o Sr. Prosser tinha visto era que coisas amarelas gigantes estavam a sibilar por entre as nuvens. Coisas amarelas incredivelmente grandes.

— E vou continuar a saltar em cima deles — gritou Arthur, ainda correndo — até ficar com bolhas nos

pés ou conseguir lembrar-me de alguma coisa ainda mais desagradável para fazer e depois...

Arthur tropeçou de cabeça, rolou e ficou de costas no chão. Finalmente reparou que alguma coisa se passava. O seu dedo apontou para cima.

— Que raio é aquilo? — ganiu.

O que quer que fosse deslizava pelo céu na sua amarelíce monstruosa, rasgando-o com um barulho ensurdecedor e deixando para trás um estrondo que empurrava as orelhas dois metros para dentro do crânio.

Seguiu-se outro que fez exactamente a mesma coisa só que mais alto ainda.

É difícil dizer exactamente o que faziam neste momento as pessoas que viviam na superfície do planeta porque, na verdade, nem elas próprias sabiam. Nada disto fazia grande sentido. Corriam para dentro de casa, corriam para fora de casa, gritavam enquanto durava o barulho. Por todo o mundo, as ruas inundaram-se com pessoas e os carros viravam-se uns contra os outros quando o som caiu sobre eles e depois rolou como uma onda sobre montes e vales, desertos e oceanos, parecendo esbater tudo o que atingia.

Só um homem ficou de pé e olhou o céu. Ficou de pé com uma enorme tristeza nos olhos e tampões de borracha nos ouvidos. Sabia exactamente o que se estava a passar e sempre soubera desde que o seu Sensomático Subetéreo tinha começado a piscar a meio da noite, ao lado da sua almofada e o acordou sobressaltado. Era o que tinha aguardado todos estes anos mas, quando decifrou a matriz do sinal, sentado sozinho no seu pequeno quarto escuro, uma frieza apoderou-se dele e apertou-lhe o coração. Tantas raças em toda a galáxia que podiam ter vindo dizer um grande olá ao planeta Terra, pensou, e tinham de ser logo os vogons.

Ainda assim, sabia o que tinha que fazer. Enquanto a nave vogon sibilava pelos ares muito acima dele, abriu a mochila. Deitou fora uma cópia de *Joseph and the Amazing Technicolor Dreamcoat*⁶ e outra de *Godspell*⁷ (não ia precisar delas no lugar para onde ia). Estava tudo pronto. Estava tudo preparado.

E sabia onde estava a sua toalha.

Um silêncio súbito atingiu a Terra. Conseguia ser pior do que o barulho. Por um momento, nada aconteceu.

As grandes naves pendiam imóveis do céu sobre todas as nações da Terra. Pendiam imóveis, gigantescas, pesadas, firmes no céu, uma blasfêmia contra a natureza. Muitas pessoas entraram imediatamente em choque quando as suas mentes tentaram compreender o que viam. As naves pendiam do céu da mesma forma que tijolos não o fariam.

No entanto, nada aconteceu.

Depois, houve um ligeiro sussurro. Um súbito sussurro espacial de som ambiente. Todas as aparelhagens de hi-fi do mundo, todos os rádios, todas as televisões, todos os leitores de cassetes, todas as colunas de baixos e altos, todos os auto-rádios no mundo se ligaram sozinhos.

Todas as latas, todos os contentores do lixo, todas as janelas, todos os carros, todos os copos de vinho, todas as folhas de metal ferrugento se activaram com a perfeição acústica de uma verdadeira instalação sonora.

Antes de a Terra perecer, seria presenteada com o topo de gama da reprodução sonora, o maior circuito megafónico de todos os tempos. Mas não havia nenhum concerto, nenhuma festa, apenas uma simples mensagem: – Terrestres, a vossa atenção por favor – disse uma voz. E foi uma maravilha. Som quadrofónico maravilhosamente perfeito com níveis de distorção tão baixos que fizeram os homens mais bravos chorar.

– Fala Prostetnic Vogon Jeltz do Conselho de Planeamento do Hiperespaço Galáctico — continuou a voz. — Estão sem dúvida a par que os planos de desenvolvimento das regiões suburbanas da galáxia requerem a construção de uma auto-estrada hiperespacial que atravessa este sistema solar e, lamentavelmente, o vosso planeta é um dos que está previsto para demolição. O processo irá levar pouco menos de dois minutos terrestres. Obrigado.

⁶ N. do T: Musical de Andrew Lloyd Webber e Tim Rice

⁷ N. do T: Musical de Stephen Schwartz e John Michael Tebelak baseado no Evangelho de São Mateus

O amplificador calou-se.

Terror incomportável instalou-se nas pessoas que assistiam. O terror moveu-se lentamente pelas multidões agrupadas como se fossem lascas de ferro sobre uma placa e um imã se movesse debaixo delas. O pânico gerou-se novamente, pânico de fugir desesperadamente. Mas não havia para onde fugir.

Observando isto, os vagon ligaram novamente o amplificador. Disseram:

— Não vale a pena fazerem-se de desentendidos. Todos os planos e ordens de demolição estão no departamento de planeamento local em Alpha Centauri há cinquenta dos vossos anos terrestres. Por isso, tiveram mais do que tempo para apresentar todas as queixas formais e agora é tarde para armar barafunda acerca do assunto.

O amplificador calou-se e o seu eco arrastou-se pelo mundo fora. As naves gigantes viraram-se lentamente no céu. Por baixo de cada uma, abriu-se um alçapão, um quadrado vazio e negro.

Por esta altura, alguém algures deve ter conseguido arranjar um transmissor de rádio, localizado a frequência apropriada e emitiu uma mensagem de resposta às naves vagon para implorar pelo planeta. Ninguém ouviu o que eles disseram. Apenas ouviram a resposta. O amplificador voltou a ligar-se. A voz estava irritada e dizia:

— Que conversa é essa de nunca terem chegado a Alpha Centauri? Pelo amor de Deus, humanidade, fica só a quatro anos-luz de distância. Tenho muita pena mas, se não se interessam pelos assuntos que vos dizem respeito, é problema vosso. Carregar raios de demolição.

Saiu luz dos alçapões.

— Sei lá — disse a voz no amplificador — Planetazinho apático e miserável. Não quero saber — Desligou-se.

Houve um silêncio terrível...

Houve um barulho terrível...

Houve um silêncio terrível...

A frota construtora vagon deslizou pelo negro vácuo estrelado.

Muito longe dali, no extremo oposto do braço espiral da galáxia, a quinhentos anos-luz da estrela Sol, Zaphod Beeblebrox, Presidente do Governo Imperial Galáctico, acelerava pelos mares de Damogran na sua lancha com motor iónico, cintilando sob o sol damograniano.

Damogran o quente. Damogran o remoto. Damogran o praticamente desconhecido.

Damogran, lar secreto do Coração de Ouro.

A lancha acelerava pelas águas. Levaria ainda algum tempo a chegar ao seu destino porque Damogran é um planeta de configuração incómoda. Consiste em nada mais do que ilhas desertas de tamanho médio ou grande, separadas por bonitas mas aborrecidas extensões de oceano.

A lancha acelerava.

Devido à sua topografia incómoda, Damogran permanecera sempre um planeta deserto. Tinha sido esse o motivo que levava o Governo Imperial Galáctico a escolher Damogran para albergar o projecto Coração de Ouro. Por ser tão deserto e porque o projecto era mesmo muito secreto.

A lancha sibilava, deslizando pelo mar entre as principais ilhas do único arquipélago de tamanho apreciável em todo o planeta. Zaphod Beeblebrox tinha partido do minúsculo porto espacial da Ilha de Páscoa (o nome era uma perfeita e insignificante coincidência porque, em galactiquês, “Páscoa” quer dizer “pedaço de terra pequeno, raso e acastanhado”) em direcção à ilha do Coração de Ouro que, por outra coincidência insignificante, se chamava França.

Um dos efeitos colaterais do projecto Coração de Ouro era toda uma série de coincidências insignificantes.

Não era de modo algum uma coincidência que hoje, o dia do culminar do projecto, o grande dia da revelação, o dia em que o Coração de Ouro ia finalmente ser apresentado à galáxia maravilhada, fosse também o grande dia para Zaphod Beeblebrox. Era por este dia que ele tinha decidido concorrer à Presidência, uma decisão que tinha criado

ondas de choque por toda a Galáxia Imperial. Zaphod Beeblebrox? Presidente? Não o Zaphod Beeblebrox? Não o Presidente? Muitos viram nesse facto uma prova irrefutável de que toda a criação tinha finalmente enlouquecido.

Zaphod sorriu com satisfação e acelerou um pouco mais a lancha.

Zaphod Beeblebrox, aventureiro, ex-hippie, boémio, (Vigarista? Talvez), oportunista maniaco, um desastre em relações públicas, de quem muitas vezes se pensava que não jogava com o baralho todo.

Presidente?

Ninguém tinha enlouquecido. Pelo menos, não a esse ponto.

Só seis pessoas em toda a galáxia entendiam o princípio segundo o qual esta era governada e sabiam que, a partir do momento em que Zaphod Beeblebrox tinha anunciado a sua candidatura, o seu sucesso era praticamente um facto consumado. Ele era a vítima ideal para o cargo de Presidente.*

*Presidente: (título completo — Presidente do Governo Imperial Galáctico)

O termo “Imperial” é mantido, apesar de ser um anacronismo. O Imperador hereditário está praticamente morto e assim tem estado há já muitos séculos. Nos momentos derradeiros do seu coma moribundo, foi encerrado num campo de forças que o mantém estabilizado numa condição perpétua e inalterável. Todos os seus herdeiros morreram há muito, o que significa que, enquanto não se der uma drástica sublevação política, o poder se limitou a descer, simples e efectivamente, uns degraus na hierarquia, considerando-se que quem o detém é um antigo órgão composto por conselheiros do Imperador — uma assembleia governamental eleita e presidida por um indivíduo eleito pela própria assembleia. Na verdade, porém, não é aí que reside o poder.

O que não compreendiam minimamente era por que é que o fazia.

Zaphod atracou bruscamente, levantando uma parede de água na direcção do Sol.

Hoje era o dia. Hoje era o dia em que se iam aperceber do que Zaphod Beeblebrox andava a magicar. Era o dia de hoje que dava significado à presidência de Zaphod Beeblebrox. Hoje era também o dia do seu duocentésimo aniversário mas isso era apenas mais uma coincidência

insignificante.

Enquanto navegava sobre as águas de Damogran, sorria para si próprio, pensando no quão excitante e maravilhoso este dia ia ser. Relaxou e abriu preguiçosamente dois braços por cima do encosto da cadeira. Ajeitou-se com o braço extra que tinha recentemente instalado por baixo do direito, para o ajudar no Ski-Boxe.

— Ouve bem — disse para dentro — és um tipo mesmo porreiro — Mas os seus nervos tilintavam de forma mais estridente do que um assobio de alta frequência.

A ilha de França tinha cerca de trinta quilómetros de comprimento, sete de largura, era arenosa e em forma de crescente. Na realidade, parecia existir não tanto como uma ilha em si mesmo, mas como uma forma de definir a curvilínea extensão de uma enorme baía. Esta impressão era potenciada pelo facto de a parte interior do crescente ser constituída por íngremes falésias. Do topo da falésia, a terra descia num declive de sete quilómetros até à margem oposta.

No topo da falésia, estava um comité de recepção.

O comité era constituído, em grande parte, por engenheiros e investigadores que tinham construído o Coração de Ouro (a maior parte eram humanóides mas, aqui e ali, havia uns atomeiros reptilóides, dois ou três maximegalaticianos verdes com aspecto élfico, um ou

Basicamente, o Presidente não passa de um governante simbólico, não detendo qualquer tipo de poder. Parece ser escolhido pelo governo mas as qualidades que se lhe exigem não são qualidades de liderança mas sim uma apurada e escandalosa falta de bom senso. Por esse motivo, a escolha do Presidente é sempre uma escolha controversa e quem ocupa o cargo é sempre uma pessoa de carácter irritante mas fascinante. A sua função não é usar o poder mas sim desviar dele a atenção de todos. De acordo com esses critérios, Zaphod Beeblebrox é um dos mais bem sucedidos Presidentes que a galáxia alguma vez teve – passou dois dos seus anos de presidência galáctica na prisão, por fraude. Muito poucas pessoas se apercebem de que o Presidente e o governo não têm absolutamente poder nenhum e, dessas poucas pessoas, apenas seis sabem de onde o poder político emana realmente. Quase todos os outros têm a convicção profunda de que o verdadeiro processo de decisão é comandado por um computador. Não podiam estar mais longe da verdade.

dois fisustructuralistas octópodes e um Hoolooovo — um Hoolooovo é um tom super-inteligente da cor azul). Todos estavam resplandecentes nas suas vestimentas cerimoniais multicolores, excepto o Hoolooovo que não tinha sido temporariamente refractado para dentro de um prisma para a ocasião.

Havia um estado de espírito de imensa excitação que os percorria a todos. Juntos e entre si, tinham atingido e ultrapassado o mais avançado dos limites das leis da física, reestruturado a constituição fundamental da matéria, esticado, torcido e quebrado as leis do possível e do impossível mas, ainda assim, a maior das excitações parecia ser conhecer um homem com uma faixa laranja à volta do pescoço (uma faixa laranja era o que o Presidente da Galáxia usava tradicionalmente). Talvez nem tivesse feito grande diferença se soubessem exactamente quanto poder o Presidente da Galáxia tinha (exactamente nenhum). Apenas seis pessoas na galáxia sabiam que a função do Presidente da Galáxia não era exercer o poder mas sim desviar dele a atenção.

Zaphod Beeblebrox era extremamente competente nessa função.

A multidão sobressaltou-se, ofuscada pelo Sol e pelos seus talentos náuticos, enquanto a lancha presidencial atracou na baía, brilhando e cintilando à medida que patinava sobre o mar em largas curvas derrapantes.

Na verdade, nem sequer precisava de tocar na água porque era suportada por uma camada difusa de átomos ionizados mas, só para fazer vista, tinha umas lâminas encaixadas que podiam ser baixadas até à água. As lâminas lançavam mantos de água para os lados que assobiavam no ar ao mesmo tempo que deixavam profundos rasgões no mar, oscilando loucamente e desfazendo-se em espuma enquanto a lancha ia atravessando a baía.

Zaphod adorava dar espectáculo. Era a sua especialidade.

Deu uma guinada no leme e a lancha voltou-se sobre si própria por baixo da face da falésia, acabando por repousar sobre as ondas baloiçantes.

Em segundos, correu para o convés e acenou e

sorriu para cerca de três bilhões de pessoas. Não estavam lá realmente três bilhões de pessoas mas estas viam cada um dos seus gestos através dos olhos de uma pequena câmara robótica 3D que flutuava obedientemente nas imediações. As palhaçadas do Presidente tinham sempre um bom efeito em 3D. Era para isso que serviam.

Sorriu novamente. Três bilhões e seis pessoas não sabiam, mas o dia de hoje teria o final mais absurdo que alguém poderia ter imaginado.

A câmara robótica aproximou-se para um grande plano da mais popular das suas duas cabeças e voltou a acenar. Tinha uma aparência mais ou menos humanóide, exceptuando a cabeça extra e o seu terceiro braço. O cabelo claro estava desgrenhado e espetado em todas as direcções, os olhos azuis cintilavam de forma completamente indecifrável e os seus dois queixos estavam quase sempre por barbear.

Um globo transparente de seis metros flutuava ao lado da lancha, rodando e balouçando, reluzindo ao sol brilhante. Dentro dele, flutuava um sofá semi-circular estofado a couro gloriosamente vermelho. Mais uma vez, tudo para dar nas vistas.

Zaphod atravessou a parede do globo e deixou-se cair no sofá. Abriu dois braços no encosto e, com a terceira mão, sacudiu o joelho. As cabeças olharam em redor, sorrindo. Levantou as pernas. A qualquer momento, sentiu, podia desatar a gritar.

A água fervia por baixo do globo, borbulhava e agitava-se. O globo ergueu-se no ar, balançando e rodando sobre a água revolta. Subiu bem alto, lançando uma estimulante luz sobre a falésia. O globo subia, a água que escorria dele caía e voltava ao mar centenas de metros abaixo.

Zaphod sorriu, imaginando-se a si próprio.

Era um meio de transporte extremamente ridículo mas extremamente vistoso.

No alto da falésia, o globo pairou por um momento, encostou numa rampa com carris e rolou por ela abaixo para uma pequena plataforma côncava, parando de maneira adequadamente engimática.

Entre aplausos ensurdecedores, Zaphod saiu do

globo com a sua faixa alaranjada a brilhar à luz.

O Presidente da Galáxia tinha chegado.

Esperou que o aplauso terminasse e ergueu a mão em saudação.

— Olá — disse.

Um aranhão governamental aproximou-se furtivamente dele e tentou colocar-lhe nas mãos uma cópia do seu discurso pré-preparado. As páginas três a sete da versão original estavam neste momento a flutuar no mar de Damogran a umas cinco milhas da baía. As páginas um e dois tinham sido resgatadas por uma águia-de-crista-frondosa damograniana e estavam já incorporadas num novo e extraordinário tipo de ninho que a águia tinha inventado. Era constituído principalmente por pasta de papel e, para uma águia recém nascida, era praticamente impossível sair dele. A águia-de-crista-frondosa damograniana tinha ouvido falar da teoria da evolução das espécies mas não queria saber disso para nada.

Zaphod Beeblebrox não iria precisar do discurso pré-preparado e afastou gentilmente o que o aranhão lhe estava a oferecer.

— Olá — disse mais uma vez.

Toda a gente estava radiante por o ver ou, pelo menos, quase toda a gente. Distinguiu Trillian entre a multidão. Trillian era uma rapariga que Zaphod tinha engatado recentemente enquanto fazia uma visita incógnita a outro planeta apenas para se divertir. Era magra, trigueira, humanóide, com cabelo negro longo e ondulado, uns lábios carnudos, um nariz estranho e uns olhos ridiculamente castanhos. Com o seu lenço vermelho atado na cabeça daquela forma peculiar e a túnica castanha, tinha uma vaga aparência árabe. Não que algum dos presentes tivesse alguma vez ouvido falar de um árabe, claro. Os árabes tinham muito recentemente deixado de existir e, mesmo quando tinham existido, estavam a quinhentos mil anos-luz de Damogran. Trillian não representava nada de especial ou, pelo menos, era o que Zaphod dizia. Ela limitava-se a sair muito com ele e a dizer-lhe o que pensava da sua pessoa.

— Olá, querida — disse-lhe.

Ela dirigiu-lhe um rápido sorriso com os lá-

bios apertados e olhou noutra direcção. Depois olhou novamente por um momento para ele e sorriu mais afectuosamente mas, nessa altura, Zaphod estava a observar outra coisa.

— Olá — disse ele para um pequeno grupo de criaturas da imprensa que estavam por perto, desejando que ele parasse de dizer olá e começasse o discurso. Sorriu para eles porque sabia que em breve lhes estaria a dar um discurso dos diabos.

No entanto, as palavras que disse a seguir não lhes serviram de muito. Um dos responsáveis pela cerimónia tinha-se irritado, convencido de que o Presidente não estava com vontade de ler o delicioso discurso que se tinha escrito para ele e carregou no botão do controlo remoto que tinha no bolso. Em frente a eles, uma enorme cúpula branca que se projectava contra o céu rompeu-se ao meio e foi abrindo lentamente. Todos ficaram boquiabertos, embora todos soubessem perfeitamente que ia fazer aquilo porque a tinham construído para isso.

Debaixo da cúpula surgiu uma enorme nave espacial com uns cento e cinquenta metros de comprimento e com a forma de uma sedosa sapatilha de desporto, absolutamente branca e estrondosamente linda. No seu interior, oculta, havia uma pequena caixa de ouro que continha o dispositivo mais prodigioso alguma vez produzido, um instrumento que fazia daquela nave um objecto único na história da galáxia, uma máquina que tinha dado o seu nome ao veículo espacial: o Coração de Ouro.

— Ena! — disse Zaphod ao ver o Coração de Ouro. Não havia muito mais a dizer.

— Ena!

A multidão olhou para ele expectante. Zaphod piscou o olho a Trillian, que arqueou as sobrancelhas e o observou de olhos muito abertos. Sabia o que Zaphod ia dizer e achou que era de um exibicionismo tremendo.


— É realmente espantoso — disse. — É realmente, verdadeiramente espantoso. É tão maravilhosamente maravilhoso que me dá vontade de o roubar.

Uma maravilhosa declaração presidencial perfeitamente adequada. A multidão riu de forma agradecida. Os

jornalistas carregaram alegremente nos botões dos seus Jornalomáticos Subetéreos e o Presidente sorriu.

Enquanto sorria, o seu coração gritava de forma insuportável e ele tocou levemente a pequena bomba paralisomática que tinha guardada no bolso.

Finalmente, não aguentou mais. Ergueu as cabeças ao céu, deu um berro em Si Bemol, atirou a bomba ao chão e correu em direcção ao mar de radiantes sorrisos paralisados.

Prostetnic Vogon  não era bonito de se ver mesmo para os outros. O seu nariz respingado elevava-se muito acima da pequena testa de porco. A pele verde-escura e elástica era suficientemente grossa para jogar o duro jogo político dos vogons (e jogá-lo bem) e suficientemente impermeável para lhe permitir sobreviver indefinidamente no mar até uma profundidade de trezentos metros sem sofrer quaisquer danos.

Não que alguma vez ele tivesse ido nadar, claro. A sua agenda preenchida não lho permitia. Era assim porque biliões de anos atrás, quando os vogons saíram dos primitivos mares estagnados da Vogosfera e chegaram ansiosos e ofegantes à costa virgem do planeta... quando os primeiros raios brilhantes do jovem Vogsol brilharam sobre eles nessa manhã, foi como se as forças da evolução os tivessem abandonado ali mesmo, virando-lhes as costas com desagrado e descartando-os como um erro repugnante e lamentável. Não voltaram a evoluir e nunca deviam ter sobrevivido.

O facto de terem sobrevivido é como que um tributo à obstinação, à força de vontade e teimosia destas criaturas. “Evolução?” perguntaram-se a si próprias. “Quem precisa dela?” Limitaram-se a viver privados do que a natureza lhes tinha negado até ao momento em que aprenderam a rectificar cirurgicamente os seus grosseiros inconvenientes anatómicos.

Entretanto, as forças naturais no planeta Vogosfera tinham feito horas extraordinárias para compensar o seu erro anterior. Produziram cintilantes caranguejos com jóias incrustadas (que os vogons comiam, esmagando as carapaças com marretas de ferro), árvores altíssimas de extrema elegância e cor (que os vogons deitavam abaixo para fazer lenha para assar os caranguejos), elegantes criaturas semelhantes a gazelas com peles sedosas e olhos inocentes (que os vogons capturavam para se sentarem em cima delas; não serviam de meio de transporte porque a sua coluna vertebral se quebrava instantaneamente mas os vogons sentavam-se em cima delas na mesma).

Assim se passaram os tristes milénios no planeta Vogosfera até que, de repente, os vogons descobriram o se-

grede das viagens interestelares. Poucos anos-vogon depois, tinham migrado todos para o agrupamento Megabrantis, o eixo político da galáxia, e formavam a imensamente poderosa espinha dorsal da administração pública galáctica. Tentaram adquirir conhecimentos, tentaram adquirir estilo e elegância social mas, em muitos aspectos, os vogons modernos eram pouco diferentes dos seus ancestrais primitivos. Ainda hoje, todos os anos importam vinte e sete mil caranguejos cintilantes e incrustados de jóias do seu planeta de origem e passam uma noite feliz embebedando-se e esmagando-os com marretas de ferro.

Prostetnic Vogon Jeltz era um típico vogon, ou seja, era perfeitamente repugnante. Além disso, não gostava de penduras.

Algures numa pequena e escura cabine enterrada nas profundezas da nave-mãe de Prostetnic Vogon Jeltz, um pequeno fósforo acendeu-se nervosamente. O dono do fósforo não era um vogon mas sabia tudo sobre eles e tinha razões para estar nervoso. O seu nome era Ford Prefect.*

Olhou em seu redor na cabine mas não viu grande coisa. Estranhas sombras monstruosas agigantavam-se e tremiam com a minúscula chama mas tudo estava sossegado. Murmurou um silencioso agradecimento aos dentrassis. Os dentrassis são uma tribo de indisciplinados glutões, uns seres selvagens mas prazenteiros que os vogons tinham recentemente contratado para fazer o catering nos seus voos de longo curso com a estrita condição de não se meterem onde não eram chamados.

Isto era perfeitamente aceitável para os dentrassis porque adoravam o dinheiro vogon (uma das moedas mais fortes do universo) mas detestavam os vogons propriamente ditos. O único tipo de vogon de que os dentrassis gostavam era um vogon irritado.

*O nome verdadeiro de Ford Prefect só pode ser pronunciado num obscuro dialecto betelgeusiano, virtualmente extinto desde o grande desastre do Hrung, despenhado do ano galáctico/sidereal/03758 que varreu todas as antigas comunidades praxibetelianas de Betelgeuse Sete. O pai de Ford fora o único homem que sobrevivera ao grande desastre do Hrung, despenhado no planeta inteiro por uma coincidência extraordinária que nunca foi capaz de explicar de maneira satisfatória.

Graças ao conhecimento deste facto singelo, Ford Prefect não se tinha transformado numa nuvem de hidrogénio, ozono e monóxido de carbono.

Ouviu um ligeiro gemido. À luz do fósforo, viu uma forma pesada arrastar-se ligeiramente no chão. Apagou rapidamente o fósforo, sacudindo-o. Enfiou a mão no bolso, encontrou o objecto que procurava e tirou-o para fora. Abriu-o e abanou-o. Ajoelhou-se no chão. A forma tornou a mover-se.

— Comprei amendoins — disse Ford Prefect.

Arthur Dent mexeu-se e gemeu outra vez, murmurando umas palavras incoerentes.

— Toma, come alguns — disse Ford, abanando novamente o pacote de amendoins. — Se nunca passaste por um feixe de transferência de matéria, deves ter perdido algum sal e proteínas. A cerveja que bebeste ajudou.

— Hmmmm... — disse Arthur Dent. Abriu os olhos. — Está escuro.

— Sim — confirmou Ford Prefect — Está escuro.

— Não há luz — disse Arthur Dent. — Está escuro.

Não há luz.

Uma das coisas sobre os humanos que ultrapassava a compreensão de Ford Prefect era o hábito de estarem sempre a constatar o óbvio. Por exemplo: “Está um lindo dia!” ou “És muito alto!” ou “Ó meu deus! Caíste num poço com dez metros de profundidade, estás bem?”. Inicialmen-

Todo este episódio está envolto num profundo mistério. Na realidade, nunca ninguém soube exactamente o que era um Hrungr, nem porque este tinha escolhido Betelgeuse Sete para se despenhar. O pai de Ford, afastando magnanimamente as nuvens de suspeita que inevitavelmente o haviam envolvido, foi viver para Betelgeuse Cinco onde adoptou Ford como filho e como sobrinho. Em memória da sua raça extinta, baptizara-o na antiga língua Praxitebel. Todo este episódio está envolto num profundo mistério. Na realidade, nunca ninguém soube exactamente o que era um Hrungr, nem porque este tinha escolhido Betelgeuse Sete para se despenhar. Como Ford nunca aprendeu a dizer o seu verdadeiro nome, o pai acabou por morrer de vergonha, doença que ainda é fatal em algumas partes da galáxia. Os outros miúdos na escola puseram-lhe a alcunha de Ix, que, na língua de Betelgeuse Cinco significa “rapaz que não consegue explicar satisfatoriamente o que é um Hrungr, nem por que razão este escolheu Betelgeuse Sete para se despenhar”.

te, Ford tinha formulado uma teoria para explicar este estranho comportamento. Se os humanos não exercitarem os lábios, pensou, as suas bocas provavelmente fecham-se e ficam coladas. Depois de alguns meses de consideração e observação, abandonou esta teoria e formulou uma nova. Se pararem de exercitar os lábios, os seus cérebros começam a funcionar. Passado algum tempo, abandonou também esta teoria por ser demasiado cínica e decidiu que até gostava bastante dos seres humanos. Mas afligia-o sempre pensar no tremendo número de coisas que não sabiam.

— Sim — concordou — Não há luz. — Estendeu a mão com alguns amendoins para Arthur. — Como te sentes? — perguntou.

— Como um desabamento de terras — respondeu Arthur. — Há bocados de mim que estão sempre a ir abaixo.

Ford olhou-o inexpressivamente na escuridão.

— Se te perguntasse onde estamos, achas que me arrependia? — perguntou Arthur com uma voz fraca.

Ford pôs-se de pé.

— Estamos em segurança — disse.

— Ah, ótimo — concluiu Arthur.

— Estamos numa cabine de porão — continuou Ford — numa das naves da frota construtora vogon.

— Ah — disse Arthur — Deve haver um significado novo da palavra “segurança” que eu não conhecia.

Ford acendeu outro fósforo para tentar encontrar um interruptor. Estranhas sombras monstruosas agigantaram-se e tremeram outra vez. Arthur pôs-se de pé com dificuldade e cruzou os braços apreensivamente. Medonhas formas alienígenas pareciam rodeá-lo, o ar espesso e os odores bafientos entravam-lhe pelos pulmões sem se identificarem. Um ruído baixo e irritante impedia o seu cérebro de se concentrar.

— Como viemos aqui parar? — perguntou com um ligeiro arrepio.

— Pedimos boleia — retorquiu Ford.

— Desculpa? Estás a tentar dizer-me que estamos aqui porque esticámos o polegar e algum monstro verde de olhos esbugalhados pôs a cabeça de fora da janela e disse:

“Olá amigos. Saltem cá para dentro. Levo-os até à rotunda de Basingstoke”?

— Bem — disse Ford — neste caso, o polegar é um dispositivo electrónico de sinalização subetérea, a rotunda fica na estrela de Barnard a seis anos-luz daqui, mas o resto pode dizer-se que está mais ou menos certo.

— E o monstro de olhos esbugalhados?

— É verde. Acertaste.

— Muito bem — disse Arthur — e quando posso ir para casa?

— Não podes — respondeu Ford Prefect, encontrando o interruptor. — Fecha os olhos — disse, enquanto o ligava.

Até Ford ficou surpreendido.

— Meu Deus! — exclamou Arthur. — Isto é mesmo o interior de um disco voador?

Prostetnic Vogon Jeltz arrastou o seu desagradável corpo verde à volta da ponte de comando. Sentia-se sempre ligeiramente irritado depois de demolir planetas habitados. Queria que alguém chegasse ao pé dele e dissesse que estava tudo mal para poder berrar e sentir-se melhor. Atirou-se o mais pesadamente que conseguiu para a sua cadeira de comando, na esperança de que esta se quebrasse e lhe desse um motivo genuíno para se enraivecer, mas a cadeira apenas rangeu de forma lamuriosa.

— Desaparece! — gritou para um jovem guarda vogon que entrava na ponte de comando. O guarda desapareceu imediatamente, sentindo-se bastante aliviado. Ficou contente por não ser ele a entregar a mensagem que tinham acabado de receber. A mensagem era uma nota oficial que dizia que uma nova e maravilhosa forma de propulsão espacial tinha sido descoberta numa base de pesquisa governamental em Damogran que iria tornar obsoletas as auto-estradas hiperespaciais.

Outra porta deslizou e abriu-se mas, desta vez, o capitão vogon não gritou porque era a porta da cabine onde os dentrassis preparavam as suas refeições. Uma refeição era mais que bem vinda.

Uma enorme criatura peluda entrou pela porta

com o seu tabuleiro de almoço. Sorria como um maníaco.

Prostetnic Vagon Jeltz estava maravilhado. Ele sabia que quando um dentrassi mostrava aquele sorriso tão satisfeito consigo próprio era porque, nalguma parte da nave, se passava alguma coisa com a qual se podia zangar a sério.

Ford e Arthur olharam em volta.

— Bem, o que achas? — Perguntou Ford.

— Um pouco sujo, não?

Ford franziu o sobrolho. Colchões sujos, canecas por lavar e peças desconhecidas e malcheirosas de roupa interior alienígena estavam espalhadas pela pequena cabine.

— É uma nave de trabalho — disse Ford — Isto são os aposentos dos dentrassis.

— Pensei que tinhas dito que se chamavam vogons ou qualquer coisa parecida.

— Sim — disse Ford — Os vogons comandam a nave, os dentrassis são os cozinheiros. Eles é que nos deixaram entrar.

— Estou confuso — disse Arthur.

— Olha, vê isto — disse Ford. Sentou-se num dos colchões e começou a vasculhar na mochila. Arthur experimentou o colchão nervosamente e acabou por se sentar. Aliás, não havia razão para estar nervoso pois todos os colchões criados nos pântanos de Sqornshellous Zeta são cuidadosamente mortos e secos antes de serem usados. Foram muito poucos os que voltaram à vida.

Ford entregou o livro a Arthur.

— O que é isso? — perguntou Arthur.

— O “Guia da Galáxia Para Quem Anda À Boleia”. É uma espécie de livro electrónico. Diz-te tudo o que precisas de saber sobre seja o que for. É para isso que existe.

Arthur virou-o nervosamente nas mãos.

— Gosto da capa — disse. — “NÃO ENTRE EM PÂNICO”. É a primeira coisa útil e inteligível que ouvi durante todo o dia.

— Eu mostro-te como funciona — disse Ford. Arrebatou-o das mãos de Arthur, que continuava a pegá-lo como se fosse uma cotovia morta há duas semanas, e

puxou-o para fora da capa.

— Se carregares neste botão, o ecrã acende-se e mostra o índice.

Acendeu-se um ecrã de cerca de oito por dez centímetros cuja superfície começou a ser percorrida por várias letras.

— Queres saber coisas sobre os vogons, portanto, introduzo o nome deles — os seus dedos continuaram a bater nas teclas — e cá está.

As palavras “Frotas Construtoras Vogon” brilharam a verde no ecrã. Ford carregou num grande botão vermelho que ficava por baixo do ecrã e as palavras começaram a percorrê-lo. Ao mesmo tempo, o livro começou a falar numa voz calma e contida. O que o livro disse foi:

“Frotas Construtoras Vogon. Se quiser apanhar boleia de um vogon, só tem uma coisa a fazer: esqueça. São uma das raças mais desagradáveis da galáxia. Não são verdadeiramente maus mas sim mal-humorados, burocráticos, inoportunos e insensíveis. Não levantariam sequer um dedo para salvar a própria avó da besta-voraz-irritante-como-o-raio de Traal sem ordens assinadas em triplicado, enviadas, recebidas, examinadas, perdidas, encontradas, sujeitas a discussão pública, novamente perdidas e finalmente enterradas durante três meses e recicladas como acendalhas.

A melhor forma de conseguir que um vogon lhe dê alguma coisa para beber é enfiar-lhe o dedo pela garganta abaixo e a melhor maneira de o irritar é alimentar uma besta-voraz-irritante-como-o-raio de Traal com a sua avó. Nunca, de modo algum, deixe um vogon ler-lhe poesia.”

Arthur pestanejou.

— Que livro tão estranho. Mas então como é que conseguimos uma boleia?

— Aí é que está o problema. Está desactualizado — disse Ford, fazendo deslizar o livro para dentro da capa. — Ando a fazer o trabalho de campo para a nova edição corrigida e uma das coisas que vou ter de incluir é um excerto sobre o facto de os vogons agora empregarem cozinheiros dentrassi, o que nos dá uma vantagenzita muito útil.

Um esgar de dor atravessou a face de Arthur.

— Mas quem são os dentrassis?

— Uns gajos porreiros — disse Ford. — São os melhores cozinheiros e misturadores de bebidas de sempre e estão-se marimbando para tudo o resto. Ajudam sempre os viajantes a entrar nas naves, em parte porque adoram a companhia, mas principalmente porque isso chateia os vogons. É exactamente o tipo de coisa que se deve saber quando se viaja sem dinheiro e se quer conhecer as maravilhas do Universo por menos de trinta dólares alterianos por dia. É o meu emprego. Divertido, não achas?

Arthur parecia perdido.

— É espantoso — disse, lançando um olhar franzido a um dos outros colchões.

— Infelizmente, fiquei na Terra muito mais tempo do que queria — disse Ford. — Fui lá para passar uma semana e acabei por ficar quinze anos.

— Mas como é que foste lá parar?

— Essa é fácil. Apanhei boleia de um engraçadinho.

— Engraçadinho?

— Sim.

— Hmm... o que é...

— Um engraçadinho? Os engraçadinhos são geralmente miúdos ricos sem nada para fazer. Passeiam-se pelo espaço à procura de planetas que não tenham tido contacto interestelar e gozam com os habitantes.

— Gozam com os habitantes?

— Sim. Gozam com eles. Procuram um sítio mais ou menos isolado e deserto. Depois, aterram perto de uma pessoa insignificante em quem nunca ninguém irá acreditar e exibem-se para a frente e para trás diante dela, usando umas antenas ridículas na cabeça e fazendo “bip bip”. Muito infantil, na verdade. — Ford inclinou-se para trás no colchão, com as mãos atrás da cabeça e com um ar de quem estava muito satisfeito consigo próprio.

— Ford — insistiu Arthur — não sei se vais achar a minha pergunta parva, mas o que é que eu estou a fazer aqui?

— Bem, isso tu sabes. Eu salvei-te da Terra.

— E o que é que aconteceu à Terra?

- Ah! Foi demolida.
- Foi? — perguntou Arthur, ponderadamente.
- Sim. Evaporou-se no espaço.
- Ouve — disse Arthur — acho que isso não me

agrada.

Ford franziu as sobrancelhas e pareceu pensar profundamente.

- Sim, eu compreendo — acabou por dizer.
- Compreendes? — gritou Arthur. — Compre-

endes?

Ford levantou-se de um salto.

— Continua a olhar para o livro! — disse, esganiçado.

- O quê?
- “NÃO ENTRE EM PÂNICO!”
- Eu não estou a entrar em pânico!
- Estás, sim senhor.
- Está bem, estou. Que mais há para fazer?
- Vens comigo e divertes-te. A galáxia é um sítio

bem divertido. Precisas é de pôr este peixe no ouvido.

— Desculpa? — perguntou Arthur de um modo que lhe pareceu demasiadamente educado.

Ford mostrou-lhe um pequeno frasco de vidro onde, sem qualquer dúvida, nadava um pequeno peixe amarelo. Arthur pestanejou. Só queria que houvesse alguma coisa simples e reconhecível a que se pudesse agarrar. Ter-se-ia sentido muito mais seguro se, para além da roupa interior dentrassi, das pilhas de colchões Sqornshellous e do homem de Betelgeuse que segurava um peixinho amarelo e se oferecia para lho enfiar no ouvido, visse um simples pacote de Corn Flakes. Mas não via e não se sentia nada seguro.

De repente, ouviram um som violento, cuja origem Arthur não foi capaz de identificar. Ficou sobressaltado e aterrorizado porque lhe parecia ser um homem a tentar beber enquanto enfrentava uma alcateia de lobos.

— Chiu! — disse Ford. — Ouve, pode ser importante.

- Im... importante?
- O capitão vogon está a comunicar qualquer coisa

pelo altifalante.

— Queres dizer que é assim que os vogons falam?

— Ouve.

— Mas eu não falo vogon!

— Nem precisas. Enfia só este peixe no ouvido.

Com uma rapidez pouco usual, Ford espalmou a mão no ouvido de Arthur, e este teve a sensação nauseante de um peixe a escorregar-lhe pelo tubo auditivo. Soprando de horror, escarafunchou o ouvido por pouco mais de um segundo mas depois virou-se lentamente com os olhos arregalados e sentindo-se maravilhado. O que estava a sentir era o equivalente, em termos auditivos, a olhar para uma imagem onde via os perfis de duas caras e, subitamente, ver nelas um candelabro branco. Ou a olhar para uma data de pontos coloridos numa folha de papel que, subitamente, formavam o número seis, o que significava que o oculista lhe ia cobrar um balúrdio por um par de óculos novos.

Ainda estava a ouvir aqueles gargarejos uivantes e sabia que os ouvia mas, de alguma forma, tinham agora assumido a forma de um inglês perfeito.

O que ouviu foi o seguinte.

— Uivo uivo gargarejo uivo gargarejo uivo uivo